

A SOMBRA INFINITA DE CÉSAR

LAWRENCE DURRELL



COORDENADOR DA COLEÇÃO

António Araújo

TRADUÇÃO DE

Sérgio Gonçalves





★ Paris

FRANÇA

PROVENÇA

• Avignon
• Aix
• Marselha
• Arles



loais da narrativa

*Dedicado a Françoise Kestsman,
magnificante na sua generosidade
e na sua beleza*

ÍNDICE



Lista de poemas ♦ 13

Prefácio ♦ 15
(António Araújo)

Introdução ♦ 23

CAPÍTULO I
Após Valence ♦ 33

CAPÍTULO II
Batismos ♦ 45

CAPÍTULO III
Terre d'élection de la haute magie ♦ 63

CAPÍTULO IV
Adoração de touros ♦ 75

CAPÍTULO V
A sombra infinita de César ♦ 89

CAPÍTULO VI
Enfermeira e senhora da encruzilhada ♦ 107

CAPÍTULO VII

A história de Mário ♦ 127

CAPÍTULO VIII

O Deus ciumento ♦ 145

CAPÍTULO IX

Uma mulher em Provença ♦ 185

CONCLUSÃO

Le cercle refermé ♦ 215

Notas e fontes ♦ 235

ILUSTRAÇÕES

Altar a Vénus e Augusto, o teatro de Arles
(*Museu Lapidar de Arles*) ♦ 19

Verso e anverso de uma moeda de bronze de Nemauso
(*Museu Fitzwilliam, Cambridge*) ♦ 17 e 237

LISTA DE POEMAS



- Restringido pela história ♦ 21
- Algures perto de Saint-Rémy ♦ 24
- Route Saussine 15 ♦ 31
- Punks* no Pártenon ♦ 48
- Sonâmbulos ♦ 73
- Feria*: Nîmes ♦ 76
- Porquê esperar? ♦ 87
- Les Saintes ♦ 103
- Trinquetaille ♦ 113
- Arlésienne ♦ 117
- O Ródano em Beaucaire ♦ 125
- Princesa X ♦ 143
- Nîmes inundada ♦ 149
- Canal Grande ♦ 160
- Béziers: rosas, rios, chuva e ruínas ♦ 167
- Visitando Orange ♦ 183
- Luz azul ao entardecer ♦ 197
- Estátua dos amantes: Aix ♦ 210
- Poema de um ego discreto ♦ 230
- Le cercle refermé* ♦ 233

PREFÁCIO



António Araújo

Numa noite de calor, pouco antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, um jovem aspirante a escritor, munido de um saco-cama, conseguiu escapulir-se sorrateiramente para descansar nas faldas da Acrópole de Atenas, onde permaneceu até ao raiar do dia.

Diria no final da vida que aquele fora o seu «baptismo como mediterrâneo», tal tinha sido a impressão causada por aquela noite silenciosa e sem vento, da qual o jovem escritor seria acordado por um bando de ovelhas curiosas – e por um pastor sorridente.

Desde então, e para todo o sempre, o Mediterrâneo tornou-se o horizonte existencial e literário de Lawrence George Durrell, que nascera na Índia colonial, em 1912, e passara uma parte da infância em Inglaterra, que odiou (chamava-lhe «*Pudding Island*»), e na adorada Corfu. Esteve depois em Creta, em Alexandria, em Rodes, no Cairo, em Córdoba e em Chipre, uma temporada em Belgrado. As suas principais obras – o *Quarteto de Alexandria*, de 1958-1960, o *Quinteto de Avinhão*, saído entre 1974 e 1985 – são todas passadas em ambientes meridionais, o mesmo sucedendo com os livros de viagens que dedicou a Corfu (*Prospero's Cell*, de 1945), a Chipre, à Sicília, às ilhas da Grécia e ao Sul de França.

Em 1966, fixou-se em Sommières, no Languedoque (não na Provença, como frequentemente se diz), onde morreu em 1990, estando enterrado, aliás, no adro de St-Julien de Montredon, uma belíssima e poderosa capela românica dos séculos XI e XII.

Com um título algo enigmático, *A Sombra Infinita de César* é um livro póstumo, que recolhe as impressões e as vivências de Lawrence Durrell naquela que Júlio César chamou «a Província», ficando desde então nomeada para sempre (ainda assim, a obra de Durrell tem um alcance mais vasto, pois, no rigor da geografia, abrange um território ainda pertencente ao Languedoque).

Após terem sido publicados, além da sua produção ficcional, *Chipre – Limões Amargos* (pela Europa-América, 1968), *Carrossel Siciliano* (Livros do Brasil, 1992) e até a sua correspondência com Henry Miller (*Ulisseia*, 1965) e, mais recentemente, *As Ilhas Gregas* (Relógio D'Água, 2016), faltava dar à estampa este livro sobre o Sul de França, a terra a que, a par da Grécia, Lawrence Durrell mais esteve ligado.

Há uns anos, a Quetzal publicou um encantador livrinho de Durrell sobre um episódio provençal (*Um Sorriso nos Olhos da Alma*, 1992), pelo que importava colmatar esta lacuna, tanto mais que, na excelente colecção de livros de viagens dirigida por Carlos Vaz Marques, a Tinta-da-china editou já a obra fundamental de Henry Miller sobre os seus tempos na Grécia com a família Durrell (*O Colosso de Maroussi*, 2011).

Dada esta breve explicação aos leitores, é tempo de lhes franquear a porta deste livro, um livro sobre uma terra livre. «A Provença manteve-se livre e desregulada durante grande parte da sua existência e, conseqüentemente, tornou-se um centro de dissidência», escreve o autor, a dado passo. O resto – os odores e os sabores, as manhãs soalheiras, o sopro do Mistral, as ruínas antigas – é por demais conhecido, até mesmo *cliché*. Em todo o caso, pelo olhar mordaz e perverso de Lawrence Durrell, a Provença é-nos aqui devolvida com o perfume de antigos mistérios, com a suspeita de insondáveis enigmas. De permeio, algumas personagens curiosas, amigas ou conhecidas do autor, povoam a narrativa com os seus tipos estranhos, até bizarros. É toda esta fauna e flora, natural e humana, que desfilará nas páginas que se seguem. Agora, é lê-las.

«A travers le côté Tartarin et le côté Daumier du pays si drôle,
où les bonnes gens ont l'accent que tu sais, il y a tant de
grec déjà, et il y a la Vénus d'Arles comme celle de Lesbos et
on sent encore cette jeunesse-là malgré tout.
Je n'en doute pas le moins du monde qu'un jour toi aussi
tu connaîtras le Midi.»¹

Vincent van Gogh para o seu irmão Theo,
Arles, setembro de 1888



¹ Tradução no final do presente livro.



RESTRINGIDO PELA HISTÓRIA

Para agradecer a Mary J. Byrne pela sua colaboração



1

*Restringido pela história, não poderá ele agora travar
Novas amizades ou relações
Pois o círculo do outrora começa a fechar-se...
Ele limitar-se-á a ultrapassar a necessidade de explicar
Como os seus limites foram impostos pela morte da sua mãe,
Como o seu cometa se ergueu do caixão pelos esforços do seu pai:
Sorte teve ele em chegar tão longe, vivo,
Numa época de guerras, para somente paz total lucrar:
Sorte mais não teve, além de o Velo de Ouro herdar.
O segredo de cujo código engendra a paz!*

2

*Ele curará os seus sentimentos mundanos como uma ameaça,
Tecendo-os em poemas, genuínos e concisos;
Encontrará um prazer telúrico no mais doce
Ato de amor fiel ao cupido, tendo sido meio rapariga
E rapaz, marido e mulher no antigo contrato de amor.
Pelo umbigo de Tirésias ele jurará,
Ou pelo olho pineal, a pinha que pela primeira vez o despertará
Para tudo o que existe além dos bazares da mente.
Bastará procurar, disseram-lhe eles, e encontrarás certamente!
O ioga entusiasmante do duplo vínculo do amor!*

3

*Além dos boatos dos códigos dos sentidos,
 Ele tornar-se-á, por fim, um dos Celestiais
 Que sorriem e reivindicam silêncio lá em cima, de indicador nos lá-
 bios pousado,
 Com a sua ajuda, ele conseguirá manter o tempo enganado
 E não tardará a juntar-se a eles nas suas acomodações celestiais.
 Grandes mistérios sempre por difundir se deverão manter,
 Invariavelmente resguardados no silêncio do seu ser;
 Ainda que a pessoa toda uma infinidade possa levar
 Jamais o mosaico completo irá desvendar.*

4

*Um elo, o casal, que apenas a morte poderá romper,
 Unindo homem e mulher que para sempre juntos irão permanecer.
 Homens velhos de olhar aventureiro, completamente cientes,
 Cheirando a sabedoria do campo, os eleitos,
 O seu mundo de timidez, qual emboscada, acena-lhes subserviente,
 O seu silêncio, algo que não se consegue dissecar.
 Eles conhecem, nós conhecemos, a furtividade da prece humana
 Cujas ficções envenenadas imploram pelo nosso consentimento,
 Reduzindo o amor a este único evento,
 Torna o aqui e o agora num simples por toda a parte
 De que o coração humano cuida, qual baluarte.*

5

*E eis que o tempo afrouxa o passo, para o seu fim
 Em suaves sátiras de graça terrena libertada:
 Não se encontra longe, o suspiro do teu Cupido,
 As formas de velhas carótidas de ruínas por vir
 Genética das dúvidas que o amor não pode libertar,
 Em ti despertas esta noite, meu amor, despertas como eu.*

INTRODUÇÃO



A minha própria versão de Provença é necessariamente parcial e pessoal, pois, como todos os outros, vim para aqui para me enamorar e desenamorar há muito tempo, entrando na velha Provença pelas estradas sinuosas, as únicas, as velhas *Routes Nationales*, descendo os corredores intermináveis de planícies frias em folha, ao virar da Lua da Colheita... A memória manteve essas versões surpreendentemente frescas em todo o seu calor e candura. Ela aguardava aí, mais uma escritora em tormento, a aguardar no velho Hôtel d'Europe, em Avignon, com o seu manuscrito inacabado acerca dos trovadores.

Percorrendo aquelas longas estradas poeirentas entre bosques cobertos de oliveiras, por ali ia eu, atravessando galerias trémulas de folhas verdes, mergulhando de penumbra em penumbra, sentindo aquele contraste gelado da luz do sol e da escuridão sob o farfalhar dos plátanos, mergulhando, qual truta de rio nuns rápidos, de uma piscina de sombras para a seguinte, as sombras quase geladas em comparação com o brilho do sol exterior e o céu azul metalizado. Para chegar por fim a Valence, onde tem início a mudança de sotaque: a gastronomia muda subitamente da nata para o azeite e para especiarias na dieta mais austera do Sul, com as primeiras azeitonas e amoras e o contraste trágico de uma árvore-de-judas em flor, a pinclada violeta brilhante única da árvore-de-judas. Aqui, tal como a assinatura no final de uma partitura, o chuvisco

orquestral constante de cigarras: tão estranha música sibilina e biografia excecional, de tão escasso tempo de vida, com tanto tempo subterrâneo na escuridão da terra antes de emergir para a luz! O anisete (*pastis*) por toda a parte declara-se como o acompanhamento ideal para as meditações noturnas dos jogadores de *boules*; não havia praça de aldeia no verão sem o tinido das pequenas bolas de aço, nenhuma aldeia sombria sem os seus *boulistes* embrenhados na austeridade socrática do silêncio entre lançamentos. O silêncio sagrado do *bouliste* está prenhe de futuridade, as suas convulsões e contorções quando as coisas correm mal são puro cinema primitivo; a imortalidade de Pagnol baseia-se num cuidadoso estudo dos originais gráficos, para ele disponíveis numa longa vida de participação em torneios de vilas e aldeolas.

ALGURES PERTO DE SAINT-RÉMY

*Uma garagem em tal aldeia, digamos,
Gerida por uma Claude Girofle,
E uma filha com rabo de cavalo, Espionnette,
Que manuseia as bombas com fervor,
Ici on vous sert,
Ici on vous berce!*

*As almas de gatos de templos,
Olhos como bolhas vítreas
Sopradas em vidro, olhos ciganos,
Os rostos que Platão define como sendo «de ordem
demoníaca»,
Demónios que distribuem chama líquida.*

*Desconhecendo a velha escritura dos Druidas,
A primazia mágica do desejo,
As glândulas de fogo,
A luz do sol para longe o amor levou –*

*À luz da lua cheia todos parecem estar certos,
Ou assim parece a água dizer,
As devassas Plêiades anseiam a luz do dia poderem ver!*

Da primeira vez que pus os pés em Provença, conseguia-se comprar um *mazet* a um valor relativamente baixo – felizmente para nós, pois não tínhamos nem um tostão, a típica história dos escritores. Um *mazet*, habitualmente, é uma dependência de uma *mas* (a palavra em si é o diminutivo de *mas*, que significa quinta ou domínio). O minúsculo *mazet* que comprámos a alguns quilómetros de Nîmes oferecia-nos pouco mais do que um abrigo básico dos elementos. Mas com engenho e empenho não tardámos a transformá-lo num chalé confortável, e até acolhedor. Cerquei-o com muros de pedra seca, utilizando a simples pedra de garrigue que pode ser lascada e aparada em tamanhos convenientes, ideais para muros e varandas. Iniciei com um pequeno pátio, com os caminhos de pedra a exibirem as veneráveis amendoeiras na perfeição. Aí passámos, descontraídos, os dias e finais de tardes douradas quais filósofos chineses, debatendo interminavelmente o livro hipotético que sabíamos que jamais seria escrito – o livro que continha as características essenciais daquele local. Um compêndio de intuições poéticas – tudo o que o Viajante Ideal deveria saber!

Os invernos que passámos no velho e arruinado *château* de Aldo, não muito longe de Beaucaire, foram um verdadeiro deleite, até o tempo piorar; tecnicamente, todos nos inscrevemos como trabalhadores ocasionais para a vindima, mas, se o tempo o permitisse, tendíamos a permanecer até outubro, quando surgiam as azeitonas, e depois colheitas mais esporádicas, como trufas ou castanhas, nas florestas próximas... Uma vez que a pilha velha praticamente não dava para aquecer pelos meios modernos, tendíamos a utilizar madeira como combustível, e cozinhávamos nas brasas que se amontoavam bem alto na gigantesca lareira templária no piso térreo da torre. E bebíamos. E bebíamos. E bebíamos...

E foi assim que nos surgiu a ideia de um livro – um livro que não só consagraria os nossos pensamentos mais memoráveis, como também nos ajudaria a reduzir a ingestão calamitosa de *Fitou* escarlate (*douze degrés*) ou – mais elegante, mas não menos perigoso para a mão que segura o gancho do podador – *Corbières* tinto. Em vão, ainda que tenhamos conseguido empilhar uma montanha de matéria, principalmente na forma de perguntas irrespondíveis acerca da Coisa Romana e da Grega, para não mencionar a Coisa das Cruzadas e a Coisa dos Trovadores. Quanto ao vinho, Aldo consolou-nos com um pensamento caseiro que inscreveu na página de rosto do nosso livro banal: «Tudo aquilo verdadeiramente desejável surgiu por causa do, ou apesar do, vinho!»

Escusado será dizer, quaisquer esperanças piedosas de uma política mais sábia permaneceram sem resposta, da mesma forma que o livro permaneceu formalmente por escrever, ainda que ao projeto não faltassem tempo nem leitura nem debates, que frequentemente se tornavam em acrimónia, à medida que um ou outro amigo concebiam uma qualquer nova teoria acerca da «verdadeira natureza» de Provença: algo inescapavelmente verdadeiro – tão verdadeiro ao ponto de carregar convicção!

Em vão! Em vão! Em vão!

Tínhamos vindo a elaborar nas nossas mentes um livro de viagens convencional de ordem estatutária – alguma história, alguns mitos, algumas informações e metáforas impressionantes apropriadas para a paisagem gloriosa, todo um conjunto envolto na apropriada informação turística... Mas a nova constatação levou-nos a acreditar que a verdadeira visão do local resultaria em algo bem mais abstrato, numa forma muito menos parecida com um manual escolar. Começáramos a constatar que, ainda que as fronteiras convencionais criadas pelas montanhas e pelos rios resultassem em viagens atribuladas entre estados e tribos, de tal forma que durante séculos deveria ter persistido uma enorme ignorância acerca dos hábitos e crenças até de vizinhos a pouca distância, não deixava de

ser evidente um contacto ténue. Afinal de contas, mesmo em épocas tão remotas como a era de Pitágoras, existem registos de contacto com os Druidas na Grã-Bretanha, bem como de uma troca de ideias religiosas e filosóficas. E as ruínas romanas de, digamos, Orange parecem fazer eco, em jeito de paródia pedregosa, das de Epidauro, apesar de quão diferente é o teatro grego do romano. O batimento cardíaco de um local é registado nestas experiências de pedra. Nos mármoreos da Acrópole consegue-se ler o eco de pedra eloquente desenvolvido por Roma em Provença, a doce Maison Carrée de Nîmes, que ainda carrega o código do lugar, a circulação sanguínea da visão brilhante da Grécia acerca da infelicidade humana e dos problemas da identidade evoluída: tudo isto filtrado através do desejo romano de superar a raça que os fazia sentir-se esteticamente *parvenus* (que, efetivamente, eram, no que toca à sua visão grosseira), enquanto ainda hoje, nas ruas de Arles, poderemos encontrar a beleza estonteante de uma *Arlésienne*, um eco romano em carne e osso.

E no entanto, até aqui nos são reservadas surpresas, pois até um artefacto funcional como a Pont du Gard é tão grande na sua conceção que a sua magniloquência é equivalente à da Abadia de Westminster. Mas devemos recordar-nos de que foi dedicada à água, e a água era um Deus. A melhor descrição da *Pont* partiu de Rousseau. Era tarefa árdua conseguir calar um homem como ele, mas a emergência de tamanho mastodonte das garrigas inexpressivas que abrigam a fonte que o alimenta privou-o de um discurso coerente, de tão estranho que parecia. Terá que ver com o tamanho, claro, bem como com a constatação de que toda a construção é encaixada em pedaços de pedra da cor do mel, sem a ajuda de argamassa. Cada bloco individual é do tamanho de um automóvel! Como é que os engenheiros romanos conseguiram elevar estes blocos enormes tão alto no ar? Mas a água era preciosa, a água era vida, e os Romanos eram devotos à terra e os seus frutos. Provença significava algo semelhante a um compromisso matrimonial! O sol determina tudo aquilo que cresce, enquanto a água se torna um

símbolo importantíssimo, um fator lendário devido às suas mudanças caprichosas de nível, a sua súbita escassez, as suas rápidas alterações entre seca e inundações. A água brinca nos leitos secos dos rios como se estivesse num teclado gigante, mudando sempre os seus níveis, caçando sempre nas montanhas secas, como que num dente oco, para maiores profundidades.

Por muito do que se segue, estou em dívida para com as conversas ociosas com os meus dois primeiros amigos, Jérôme, o santo vagabundo, e Aldo, o aristocrata e viticultor no seu castelo em ruínas. É deles a presença constante sem a qual jamais me seria possível qualquer evocação poética de Provença. Graças a eles – vejo-os agora a vagar por entre as oliveiras, de copo na mão, cheio de *Fitou* –, posso afirmar honestamente que vivenciei a região com os meus pés e a minha língua: caminhadas longas e libações mais demoradas caracterizaram as minhas pesquisas inocentes, a forma ideal de obter acesso a uma paisagem tão plena de ambiguidades e segredos. Sim, segredos negros de vinho, e dourados de mel, paisagens de uma serenidade quase brutal empilhadas umas sobre as outras com profusão quixotesca, como que para provocar os confrontos históricos que as tornaram significativas, misturando o sagrado e o profano, o trivial e o grandioso com a riqueza operística, hipnotizante!

Na primeira euforia deste projeto terapêutico, o livro planeado, que haviam batizado como *A Complete Provence*, tinha uma certa insolência arrebatadora, que eu considerava louvável. Provença! O que era ela, exatamente? É frequente, durante o sono, dar por mim uma vez mais a abordar e reafirmar a questão. A abrangência tremenda do tópico é avassaladora, e quando comecei a examinar os dados históricos que compõem a riqueza histórica local, constatei que para levar a cabo algo com a pretensão sequer de completude, seria necessária uma dúzia de volumes! Passadas algumas páginas, eles tinham desistido. Poderia eu esperar ser diferente, mesmo recorrendo a termos de referência mais impressionistas, por exemplo um sistema de colagem poética? Capturar a quididade deste

extraordinário berço de dissidência romântica sem o sentimentalizar – pois o seu coração romântico abriga uma brutalidade e extremismo belíssimos!

* * *

AGORA, ALDO E JÉRÔME DESAPARECERAM DE CENA... E com eles outros que também entraram na história deixando lembranças de uma visitação provençal: Henry Miller, Denis de Rougemont, Giono, Marie M-D... Por vezes sinto que fui aqui deixado para completar este livro antes de me juntar a eles! E que, além disso, devo ter o cuidado de deixar registado o timbre do riso de Denis e dos famosos entusiasmos de um certo Miller, que estava repleto de ecos da Grécia...

Aquilo que resta é o trabalho de seleção.